



o espaço do tempo  
convento da saudação | Montemor-o-Novo

# CONSTANTIN GAVRILOVITCH ACABA DE SE MATAR

**CARLOS MARQUES | PROJECTO RUÍNAS**

Teatro - Portugal

Convento da Saudação | Montemor-o-Novo

**01 MAI 2013 a 10 MAI 2013**



**Sobre o texto**

**Por Rui Pina Coelho**



*Constantin Gavrilovich acaba de se matar*, constitui com *Baquet ou a Narrativa fidedigna do terrível incêndio ocorrido no Teatro Baquet* (Trimagisto, 2012), um díptico sobre a falência do teatro. Em *Baquet* recuperávamos o relato jornalístico de Jaime Filinto sobre o incêndio ocorrido no Teatro Baquet, no Porto, em 1888 - um dos acontecimentos mais traumáticos da vida teatral do final do século XIX, onde terão perdido a vida cerca de duzentos espectadores. Associávamos - não sem algum despudor - esse terrível incêndio ao incêndio sistémico que faz arder todas as condições de trabalho para os criadores teatrais em Portugal. Esse incêndio era, na nossa perigosa metáfora, o incêndio que fazia arder o nosso teatro e o deixava em ruínas. Mas era, também, simultaneamente, a chama que fazia com que o nosso teatro não se extinguísse. "Estamos aqui", repetia-se insistentemente - ainda que com falta de ar. Tínhamos, portanto, um teatro a arder; um teatro morto que, apesar de tudo, sobrevivia.

*Constantin Gavrilovitch acaba de se matar* - um texto alheado, elíptico, esburacado - parte da última frase de *A gaivota*, de Anton Tchekov. Treplev, o criador das formas novas, o artista verdadeiro, o permanentemente insatisfeito, o novo, acaba de se matar. Dorn, sussurando a Trigorin, para que Arkadina não oiça, diz: "leve daqui para fora a Irina Nikolaevna... O Konstantin Gavrilovich matou-se com um tiro". E começamos precisamente daqui. Logo no início avisamos, sussurando, para que ninguém se assuste: o teatro acabou de se matar. Portanto, em *Constantin...*, o mundo que apresentamos é o mundo após a morte do criador, da arte. Um mundo sem o poder reconciliador da arte. Um mundo sem teatro. Um mundo de merda, portanto. Aquilo que se segue à morte de Treplev é um mundo fragmentado, estilhaçado - um conjunto de ruínas - uma cidade abandonada, vazia, em cacos (não consigo deixar de pensar em Dresden depois da segunda guerra mundial, cidade onde escrevi boa parte do texto).





*Constantin Gavrilovich acaba de se matar* é constituído por "nanopeças" ou micro-narrativas (se tivéssemos graça, podíamos ter-lhe chamado *ipeças*, textos para teatro que se podem ler no telemóvel). São textos de formato ultra-reduzido. Chamámo-lhe "nanopeças": peças muito pequeninas que se podem montar todas juntas ou isoladamente. Como peças de lego - que podem compor muitos objectos diferentes. Podem ser encaradas isoladamente, como *haikais* - mas, tal como as dispomos aqui, constituem uma constelação volátil de textos. Uma constelação sobre um mundo sem esperança. Onde os bancários choram sem saber porquê. Onde se carrega contra a polícia sabendo que se morrerá. Onde se vive agarrado à raiva. Onde os cabelos vermelhos de uma rapariga linda nunca serão nossos. Onde a vida não parece ter um propósito. Um mundo de merda, portanto.

Estas nanopeças são textos para teatro que são para ser lidos em cena. A relação que pedem ao espectador de teatro é a da leitura - não a da escuta. São textos para teatro que não são pensados para ser ditos por actores - mas antes lidos pelo espectador, desobrigando à sincronia e à acção e atirando o espectador para o recolhimento da leitura, para a introspecção, para a encenação virtual. Atirando o espectador para o recolhimento de um velório. Um velório ao teatro.

Claro que esta atitude fúnebre tem mais de provocação do que de diagnóstico. Queremos mais inspirar à acção do que descrever a nossa inacção. Se declaramos a morte do teatro é porque somos um bocado dramáticos e temos tendência a exagerar. Tal como insistíamos no Baquet, "estamos aqui". Ainda aqui estamos. O que queremos é, tal como Tchekov, que olhemos para a maneira como vivemos e que a possamos mudar. Vai, portanto, correr tudo bem.





**Encenação** Carlos Marques

**A partir de texto de** Rui Pina Coelho

**Interpretação** Catarina Caetano, João de Brito, Inês Pereira e Paulo Quedas

**Composição Musical e Sonoplastia** Carlos Marques e João M. Bastos

**Vídeo** Paulo Quedas

**Luz e Cenário** Nuno Borda De Água

**Operação Técnica** António Costa

**Grafismo** Miguel Rocha

**Audiovisual** Rui Cacilhas

**Produção** Sandra Carneiro

Uma produção

Estrutura financiada por



Com o apoio

